

NOTAS E NOTÍCIAS

SEGUNDA REUNIÃO BRASILEIRA DE ZOOTECNIA

Nos dias 22 a 24 de setembro, realizou-se, em Porto Alegre, a anunciada Reunião Brasileira de Zootecnia, a Segunda, pois a Primeira foi em Piracicaba, em julho do ano passado.

Durante os três dias houve o trabalho das Comissões, e sessões plenárias para debate e aprovação dos Pareceres dessas Comissões mesmas, em número de seis, de acôrdo com a especialidade das teses e comunicações apresentadas. Os cinco assuntos preferenciais foram tratados através dos seguintes trabalhos: 1. Ensino da Zootecnia — “Nomenclatura dos Métodos de Reprodução” (Contribuição para maior exatidão da terminologia zootécnica) — O. Domingues e Ernesto Faria. 2. Agrostologia — “Contribuição ao Estudo das Gramíneas indígenas e cultivadas do R. G. do Sul” — Ismar Leal Barreto; “Observações sôbre a Cultura do Azevem e outras forrageiras anuais de inverno” — J. Grossmam e M. Degrazia; “O comportamento do Capim Guatemala” — E. Barreto Campelo; “Contribuição ao conhecimento de nossas plantas forrageiras” — Jorge López. 3. Produção de Leite — “Fatores limitantes da produção de leite na região de Pelotas” — G. Echenique Filho. 4. Produção de gado de corte — “O gado Gir de Umbuzeiro” Wanderley Braga. 5. Produção de lã — “Orientação técnica aplicada à ovinocultura sul-riograndense” C. Poester; e mais os seguintes assuntos gerais: “Origem da Cabra Moxotó” — O. Domingues; “Informações preliminares sôbre o Cavallo Mangalarga Marchador” — Carneiro, Fontes e Pereira; “Subsidios para o estudo do Jumento Pega” Fontes, Carneiro, Donorte; “A inseminação artificial no Brasil e alguns problemas à mesma relacionados” — A. Mies Filho.

A Sessão plenária de encerramento, no dia 24, foi feita com um almoço presidido pelo dr. Manoel Soares, diretor geral da Secretaria de Agricultura do Rio Grande, e emerito zootecnista. No discurso que pronunciou, o dr. Manoel Soares abor-

dou o assunto da formação independente, de zootecnistas, nas Escolas de Agronomia e de Veterinária, mas constituindo uma carreira e uma profissão apartes. Esta ideia foi muito debatida, e já constituira um dos pontos frisados pelo presidente da S. B. Z., prof. Domingues, no discurso inaugural. Os presentes resolveram então levá-la à Assembleia Geral da Sociedade, a realizar-se no mesmo dia.

E assim, em breves linhas, são estes os pontos principais a ressaltar dos trabalhos da Segunda Reunião Brasileira de Zootecnia.

DISCURSO DO PROF. O. DOMINGUES, PRESIDENTE DA S. B. Z. NO ATO INAUGURAL DA 2a. SEMANA BRASILEIRA DE ZOOTECNIA

Que sejam de agradecimento, as minhas primeiras palavras, ao Estado do Rio Grande do Sul, aos colegas que empregaram seu prestígio e seus esforços para a realização desta Segunda Reunião Brasileira de Zootecnia, na qual até a improvisação mesma é uma prova evidente de entusiasmo.

Estamos aqui reunidos não por uma vontade própria, mas antes conduzidos pelas circunstâncias. O formoso espetáculo, que é esta XIX Exposição Nacional de Animais, constitui uma demonstração de força econômica, que a pecuária representa no campo das realizações brasileiras. Por uma vocação histórica somos um povo de criadores. Por um destino de nossa evolução econômica, somos um país onde a pecuária tem sido um fator de civilização, e constitui um esteio forte da nossa economia. Sem ela a epopéia das bandeiras não teria frutificado, não teríamos cidades no sertão, nem caminhos imensos ligando-as tão cedo. Não teríamos base para nossa produção mineral, extrativa ou agrícola.

Os técnicos da pecuária não podiam ficar equidistantes ou indiferentes a essa realidade, que tem uma ciência a guiá-la: a Zootecnia cujo centenário comemoramos ha três anos passados.

Estava no íntimo, vivendo em cada um de nós, a idéia de nos reunirmos, para que juntos possamos opinar com prestígio e segurança sobre os problemas zootécnicos nacionais, estudando-os e procurando uma fórmula ou uma solução para eles. Por isso, ao primeiro estímulo, todos nos puzemos a servir, a colaborar nessa tarefa que se impunha aos zootecnistas brasileiros. Daí aquela nossa primeira reunião brasileira de Zootecnia, no ano passado realizada, em Piracicaba, e a fundação da nossa Sociedade. Como uma solução saturada, a que se atira dentro um cristal, e ela toda se cristaliza — a idéia lançada em Maio na cidade de Uberaba, em Julho já era uma realidade em Piracicaba.

Foram as circunstancias, foi a nossa realidade, foram os anseios de todos os zootecnistas — os fatores que nos conduziram até esta Segunda Reunião Brasileira de Zootecnia. E supponhamos, por um momento, que ainda houvesse um zootecnista indiferente ou distante dessa nossa idéia — em face do formoso espetáculo, que é esta Exposição Nacional de Animais, ele só teria uma reação: correr para nós solicitando a mercê de ser um dos nossos, solicitando um espaço ao nosso lado para comungar do nosso trabalho.

Convém, de passagem, definir aqui os limites e as possibilidades dessa tarefa da Zootecnia, que é a de fazer a terra produzir gados. Esta síntese, que eu vos ofereço, é significativa. Ela quer dizer que o papel da Zootecnia é este apenas, e êle já é muito. Não cabe à Zootecnia a função de estudar como fazer o transporte dos produtos da pecuária, nem como vendê-los melhor, nem como evitar os golpes dos especuladores, (a que o eminente Senhor Presidente da Republica chamaria de “tubarões”). Não lhe cabe a função de cortar o êxodo dos campos, nem a de evitar a falta imensa que sofremos, de operariado competente, devido à deficiência de nossa educação rural, que não atende as nossas necessidades.

Quando os técnicos americanos ensinaram os avicultores a produzir ovos, estes abarrotaram os frigoríficos da América de milhões de dúzias que ali permaneceram largo tempo sem consumo, num excesso desconcertante, o que falhou não foi a Zo-

otecnia, mas, sim, a economia dirigida que dita regras na circulação mundial dos produtos. Quando o carioca não tem carne, o que falhou não foi a Zootecnia, porque isto resulta de uma série de fatores variados e numerosos, de ordem não zootécnica, entre os quais podemos arrolar a não efetivação ainda do que determina nossa Constituição, mandando mudar a Capital da Republica para o interior.

Temos, por via disso, de circunscrever as nossas atividades dentro dos limites da arte e da ciência de criar — que é a Zootecnia.

E já é um imenso papel, êste seu. Tão grande que ela se sente limitada no seu crescimento, nos seus meios de ser divulgada, nos seus elementos de estudo, porque se acha dentro de um continente já pequeno para o conteúdo. A ciência e arte da produção vegetal e a ciência e arte da produção animal já constituem um conteúdo demasiado grande para caber dentro da Agronomia.

É necessário libertá-las desta vida em comum, dentro de uma habitação, que já não mais lhes oferece espaço suficiente. A Zootecnia não pode continuar a ser uma mera especialidade dentro da Agronomia, nem da Veterinária. Ela já cresceu, já possui os elementos, as características suficientes para o direito de maioridade.

Faz mais de um século, como sabeis, que Gasparin separou os estudos da produção vegetal daqueles da produção animal — criando a palavra Zootecnia para estes últimos. Mas sem separar as profissões porque a Zootecnia de então não tinha volume, não dispunha de um acêrvo para isto suficiente.

Cento e tantos anos depois, ela cresceu tanto que não é mais possível ensiná-la dentro de um curriculum de agronomia, ou de veterinária, sem os prejuizos que todos sentem: deficiência do ensino da Zootecnia que, na guarnição das cadeiras da Agronomia ou da Veterinária, é representada por apenas 2 (duas), num total de mais de 19 cadeiras.

A expressão de seu valor está muito acima de 2 em 19, quando ela pode ser avaliada sem favor, em um limite pouco abaixo das necessidades teóricas da fitotecnia.

Duas são logo as vantagens dessa libertação, dessa bipartição: primeiramente teríamos o ensino da Zootecnia posto em seu nível exato de utilidade e eficiência; segundo, desobstruíamos os estudos teóricos e práticos da produção vegetal, eliminando dele as matérias que se destinam à formação do zootecnista.

Outras considerações deveria fazer, para completar meu pensamento, como já o fiz em 1944, na Escola de Veterinária de Belo Horizonte. A ocasião não se me afigura oportuna para alongar a defesa desta tese, em todos os seus ângulos.

Minha ambição ficará satisfeita lançando aqui esta ideia, que não é minha e não é de ninguém, porque é de todos.

E nenhuma ocasião melhor do que esta, na solenidade inaugural da Segunda Reunião Brasileira de Zootecnia, para que o presidente da Sociedade Brasileira de Zootecnia concretize um anseio generalizado de toda uma classe: pôr em marcha uma ideia, que não trás nenhum benefício para nós, desta geração de zootecnistas. Ela será, porém, uma fonte indiscutível e perene de estímulos, de facilidades, de melhor preparo para as gerações futuras de estudantes e zootecnistas.

Como vedes, meus senhores, há fortes razões, razões profundas a justificarem esta agitação de abelhas, dos zootecnistas brasileiros. Não é uma vontade de agitar-se apenas, de mostrar-se, de despertar atenções — o que nos trouxe aqui. Isto seria um preço miserável para o esforço de tantos colegas aqui reunidos, que tiveram de se locomover de longas distâncias, neste imenso Brasil, para trazer com sua presença o testemunho de seu amor à nossa profissão; de tantos colegas que tiveram de multiplicar as horas de um dia para que pudessem contribuir nesta realização; de tantos colegas, que estão nesta hora, longe daqui, mas com o pensamento voltado para esta Reunião, num ato votivo para que ela seja mais um degrau para o alto na ascensão de nossos ideais.

A XIX EXPOSIÇÃO NACIONAL DE ANIMAIS DE PORTO ALEGRE

Prof. OTAVIO DOMINGUES

Pela primeira vez, realizou-se no Rio Grande do Sul, no mês de setembro ultimo, uma Exposição Nacional de Animais. É que o ciclo das Exposições Nacionais ficara circunscrito á Capital Federal, S. Paulo e Minas Gerais. Exposições no Rio tão cedo, porém, não paoderão ser realizadas, por falta de local.

A comemoração do 4.º Centenário de Salvador, em 1949, deu motivo para que se realizasse na Bahia uma Exposição Nacional. Fala-se que a próxima será em Curitiba, também com um centenário á vista.

A exposição de Porto Alegre foi muito boa, uma das melhores que já vimos. Ela teve uma característica que reflete bem a região pecuaria brasileira do Sul. Não se notava a predominancia de uma raça, ou melhor, foi uma exposição equilibrada. Com exceção dos zebuínos, que lá apareceram numa minoria, mas com uma excelente representação de Curvelo, bovinos, ovinos, suínos, caprinos e galinos lá se mostravam em grande variedade e grande copia.

Dos equínos e asíninos, não posso falar. Não assisti ao julgamento nem ao desfile e, por falta de oportunidade e de tempo (todo tomado pela Segunda Reunião Brasileira de Zootecnia, que nos mesmos dias se realizou em Porto Alegre), não fui até as baias para uma apreciação, rapida que fosse.

A variedade dos bovinos é uma prova do que tenho dito : em havendo pasto, o que predomina na pecuaria é o clima. Ora, no Rio Grande do Sul há mais do que pasto. Há possibilidade de arraçoamento, há tratadores eficientes, há mercado á beira da estrada.

Dai a variedade das raças. Raças leiteiras com maior numero de exemplares: holandesa malhada de preto e raça Jersey. Duas excelentes representações, demonstrando a possibilidade de criá-las e a capacidade de seus criadores.

As raças de corte estavam em minoria, pois, sabemos que as famosas exposições de Bagé e de Uruguaiana são as que mais atraem essas raças proprias da região da "Fronteira". Porto Alegre está dentro da area de gado leiteiro e, portanto é natural que maior seja a concorrência dos Holandeses e dos Jerseys.

Exibiram-se, porém, bons representantes de Hereford, Shorthorn, Devon e Polled Angus, citados pela ordem numerica das respectivas representações. E a campeã da raça Devon era indiscutivelmente o melhor animal de corte na exposição.

Os Charoleses estavam em numero bem pequeno, em desproporção com o rebanho gaúcho dessa raça. É verdade que há também uma Exposição Regional para a Serra, onde se exibem anualmente os Charoleses de Tupaciretã, Julio de Castilhos, Cruz Alta...

A meu ver, essa raça francesa progrediria mais se houvesse mais propaganda, e mais facilidade de circulação de seus reprodutores. E um meio eficiente e comodo de propaganda, é esse — a Exposição. Outro meio é o de facilitar a aquisição de especimes para reprodução.

Das três raças mistas, a Caracu se me afigurou a de melhor representação. Parte desta era de Lajes, em Santa Catarina, e parte de Tietê, em São Paulo. Os animais de Lajes constituem uma surpresa já apontada em outra oportunidade.

É ali uma raça vitoriosa.

A secção de ovinos apresentou-se com elevado numero de exemplares da raça Corriedale, que polariza, no momento, as atenções dos ovinocultores gaúchos. Essa raça dá boa lã, muito procurada e bons borregos para corte. Bem numerosa

foi ainda a exibição de Merinos australianos, que empatou em numero com os Romney Marsh. É excelente a sua qualidade.

Os leilões de ovinos bem mostraram o crescente interesse que a ovinocultura desperta, e a importancia que se dá aos bons reprodutores. Só o que não era comprovadamente bom não alcançava preço. O bom era rematado por altos preços, em pareos por vezes disputados.

A parte de suínos esteve muito ecletica, desde a nossa raça nativa Piau, até o Duroc Jersey, Berkshire, Wess, Hampshire, Large Black. Esse ecletismo e o pequeno numero de exemplares de cada raça poderiam indicar pouco interesse pela suinocultura, o que não seria o espelho da realidade, pois, todo o mundo sabe o papel que o Estado sulino representa na suinocultura nacional. Talvez tenha havido limitação no numero de inscrições, mas o certo é que esse ecletismo também pode ser o resultado da falta de experiencias objetivando o lado economico financeiro da exploração, tendo em vista o mercado a servir. Mas é, indiscutivelmente, uma demonstração das possibilidades de se criarem ali as raças estrangeiras.

Os caprinos estavam bem representados com os especímenes de Toggenburg, de Anglo-Nubiano e de Nubiana (poucos).

O campo da caprinocultura leiteira, no Brasil, está dividido definitivamente (ou por muitos anos ainda) entre as duas primeiras raças citadas: Toggenburg e Anglo-Nubiana. Ora é uma, ora a outra que domina neste ou naquele Estado. A Saanen desapareceu de vez da disputa, deixando porém sinais de sua presença; as outras raças que importamos nos primeiros ensaios, Maltesa, Murcia, Mambrina, desapareceram por completo.

O pavilhão de galinhas mostrou numerosas raças, provando que a galinocultura continua sendo, além de um fator ponderavel na produção industrial de animais, um elemento de atração para os amadores da arte de criar, a mais atraente das

artes. As galinhas de utilidade industrial indiscutível, como a Leghorn, ou de utilidade caseira imediata, com a New Hampshire e Rhod Island Red, não sobrepujavam numericamente as outras, em conjunto, ou sejam, as Plymouth Rock barradas e brancas, as Wyandottes, as Gigantes de Jersey, as Minorcas pretas, as Catalãs, as Australorps, as Orpingtons, as Holandesas topetudas... Só o tamanho desta lista comprova o que quero dizer.

O Rio Grande do Sul parece a região com as maiores possibilidades para a instalação definitiva de uma galinocultura industrial na mais larga escala. Os subprodutos que saem de seus estabelecimentos industriais, a variedade e riqueza dos cereais ali produzidos, ligados ao clima, são os melhores fatores para isso. E quando se fala em importar ovos da Argentina, para o consumo no Rio, devemos pensar na capacidade de produção do R. G. do Sul, apenas em começo de desenvolvimento.

*

Eis as impressões que pude registrar, rapidamente, ao passar os olhos pelos galpões da XIX Exposição Nacional de Animais.

II REUNIÃO INTER-AMERICANA DE PRODUÇÃO ANIMAL

Sob os auspícios da Food and Agriculture Organization das Nações Unidas, do Ministério da Agricultura do Brasil, da Universidade de São Paulo, e da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, deve realizar-se em Baurú de 8 a 19 de Dezembro de 1952, a II Reunião Interamericana de Produção Animal. Ao término da reunião a comissão organizadora promoverá visitas à Fazendas, Industrias e Laboratórios no

Estado de São Paulo. Os assuntos a serem tratados são resumidos nos seguintes capítulos :

I Criação e Genética; II Fisiologia Climática e Melhoria dos animais; III Nutrição animal; IV Contrôlo de doenças Infecciosas e Parasitárias; V Problemas Gerais da Produção Animal.

O comparecimento de Técnicos e de Interessados é independente da apresentação de trabalhos. Os técnicos oficializados poderão tomar parte ativa nas discussões dos diferentes Temas.

Para mais informações sobre a II R. I. P. A., os interessados podem dirigir-se ao Prof. João Soares Veiga — Rua Pires da Mota, 159 - São Paulo.

CONCURSO PARA LIVRE DOCENTE DA 7.^a CADEIRA — ECONOMIA RURAL DA ESCOLA SUP. DE AGRICULTURA “LUIZ DE QUEIROZ” DA UNIVERSIDADE DE S. PAULO

Nos dias 14 a 18 de Outubro do corrente ano realizaram-se as provas de concurso para livre Docência da 7.^a Cadeira — Economia Rural da Escola Sup. de Agricultura “Luiz de Queiroz”. — O unico candidato inscrito era o Dr. Alcides Guidetti Zagatto, que apresentou como tese de Concurso - o trabalho: “Contribuição ao Estudo da Agricultura dos “fumeiros” do distrito de Saltinho”. —

A Banca examinadora presidida pelo Prof. Dr. José de Mello Moraes, Diretor da Escola, compunha-se dos Professores Drs. Phelippe W. C. de Vasconcellos e Erico da Rocha Nobre da Escola Sup. de Agricultura “Luiz de Queiroz”, — Paul Hugon e Dorival Teixeira Vieira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo — e Dr. Ruy

Miller Paiva da Divisão de Economia Rural — Secretaria da Agricultura de S. Paulo —

Findas as provas, a Banca Examinadora proferiu o seu Verdictum, aprovando por unanimidade o candidato inscrito Engenheiro Agrônomo Alcides Guidetti Zagatto.

A Revista de Agricultura felicita cordiamente o novo livre docente de Economia Rural, desejando-lhe novas conquistas no nobre campo de ciências agronomicas para a prosperidade e grandesa da "Luiz de Queiroz". —

VISITA DO PROF. DR. A. FREY WYSSLING

Esteve em visita a "Luiz de Queiroz" o prof. Dr. A. Frey Wyssling chefe do Laboratório de Botânica Geral e Microscopia Eletrônica do Instituto Federal de Tecnologia, em Zurique, Suíssa.

O prof. Frey Wyssling pronunciou duas conferências, no Pavilhão da Secção de Genética, intituladas: "O microscopio eletrônico e suas aplicações as ciências biológicas" e "Estrutura microscópica e sub-microscópica da fibra de algodão"; em ambas palestras o conferencista demonstrou os seus profundos conhecimentos no campo da microscopia eletrônica.

Na primeira palestra o prof. Frey Wyssling tratou primeiramente da organização do microscópio eletrônico e deu a seguir a técnica de propagação de lâminas da fotografia eletrônica, etc. Mostrou os resultados já obtidos no campo da química coloidal, na citologia, microbiologia, etc. deu as razões porque não se pode ainda, descobrir a organização estrutural do gen, isto devido mais a uma imperfeição da técnica, do que o da organização do microscópio eletrônico.

A segunda conferência versou sobre toda a organização micro e ultra-microscópica da fibra de algodão; aliás a única fibra vegetal de que se conhece tantos detalhes; pode-se ver que a fibra é em síntese formada por um esqueleto de fibrilas, dispostas em várias direções e ligadas por um cimento.

O conferencista fez um paralelo entre as modernas construções de cimento armado e a organização da fibra de algodão, demonstrando que o homem apenas imitou uma causa básica da natureza, ao tentar aumentar a resistência das construções, fazendo a combinação de ferro e concreto.

Todas as conferências foram amplamente objetivadas, com projeções de diapositivos e episcopia.

O prof. Dr. A. Frey Wyssling veio ao Brasil a convite do Conselho Nacional de Pesquisas, tendo participado do Simpósio de Microscopia há pouco realizado no Rio de Janeiro. Está agora visitando os Institutos de Pesquisas que integram a Universidade de S. Paulo.

PALESTRA DO DIRETOR DA ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE CANA DE PIRACICABA

Realizou-se no dia 29 de Outubro do corrente ano, às 14 horas, no Clube Cel. Barbosa, a palestra do Dr. Homero Corrêa de Arruda, sob o título "**Varietades de cana para o Estado de São Paulo**". — Referiu-se primeiramente às diversas variedades de cana que são plantadas mencionando as principais qualidades e defeitos de cada variedade.

Após a preleção, foi o Dr. Homero Corrêa de Arruda vivamente aplaudido pelos presentes.